

A ÍNDIA INVADIDA PELOS PIRATAS VESTIDOS DE SACERDOTES (JESUÍTAS)

ARILSON SILVA DE OLIVEIRA¹

Introdução: Sassetti e o Sânscrito

Olhando para os sacerdotes piratas ou as tarântulas,² mais conhecidos como jesuítas, em torno da Índia, tal qual o sucessor do famoso Xavier, o florentino Filippo Sassetti (1540-1588), ao qual muitos textos se referem como comerciante – o que de fato era –, entram imediatamente em cena interesses aculturativos explícitos, desejos de ódio e plágios. Sassetti, por exemplo, diplomara-se em letras na Universidade de Pisa e é considerado como um dos primeiros europeus modernos a estudar o sânscrito – devido ao fracasso de Xavier de tentar convertê-los com dogmas *mlecchas* ou de barbárie – e a verificar as semelhanças entre esta e as línguas europeias, em especial o italiano.³ De Lisboa, antes de partir para a Índia, ele confessou que dava muito mais valor ao conhecimento do que à riqueza de Cresos.⁴ De Goa, onde viveu de 1581 a 1588, o florentino Sassetti escreveu muitas cartas a amigos importantes e antipagãos da Europa, como ao cardeal Ferdinando de Médici e ao grão-duque Francisco I – este último o havia incumbido de enviar-lhe informações sobre a Índia. Duas cartas tornaram-se famosas: uma, dirigida a Bernardo Davanzati (1529-1606), famoso

¹ Doutor em História Social pela USP, Pós-Doutorando em Religião e Sociedade pela PUC-SP e Indólogo. Prof. Adjunto do Curso de Ciências Sociais da UFCG.

² Como diria Nietzsche.

³ Como exemplo podemos citar: *deva/dio* “deus”, *sarpa/serpe* “cobra”, *sapta/sette* “sete”, *ashta/otto* “oito”, *nava/nove* “nove”). Notamos também que em sânscrito a maioria das vogais tem pronúncia aberta, semelhante à das vogais abertas do italiano.

⁴ Cresos, rei lídio (durante 560-546 a.C.), o qual acolheu Esopo em sua corte e último soberano da dinastia dos mérmnadas, mais conhecido por suas histórias em torno de suas exuberantes riquezas. Herdou do pai (560 a.C.), Aliates, um extenso império que se estendia da Anatólia até o rio Halis, posteriormente denominado Kizil (na atual Turquia). Não bastando sua herança, conquista o Éfeso (cidades gregas do mar Egeu), com o qual mantém alianças políticas e econômicas. Foi ao oráculo de Delfos durante sua logística militar contra os persas, sacrificou centenas de animais em honra ao deus Apolo e presenteou o oráculo com uma quantidade exuberante de metais preciosos e diversos ícones divinos, na tentativa de assegurar o sucesso de sua campanha. Ainda temeroso, inquiriu à Pitonisa se deveria enfrentar os aterrorizantes persas. Os Deuses, sem demora, afirmam que um grande império seria aniquilado. No entanto, sem pensar, Cresos não cogita a vitória de Ciro, o Grande, sendo vencido e transformado em refém. No mais, associa-se o povo semita lídio à invenção da moeda – mesmo que tal ideia já esteja presente na lei clássica indiana de Manu ou *Manu-samhita*, muito antes de qualquer povo semita. Por tudo isso, surge a ideia de uma vasta riqueza atribuída a Cresos, aqui lembrada por Sassetti. A história de Cresos junto ao oráculo de Delfos está na *Geografia* de Estrabão e foi descrito pelas *Histórias* (I.48-54) de Heródoto. (MUNN, 2006: 147; HERODOTUS, 1998: 23).

economista e agrônomo florentino, e outra a Pier Vettori (1499-1585) ou Valori, nas quais fazia referência às semelhanças que observara entre o sânscrito e as línguas europeias, em particular ao italiano.

Tais cartas só foram publicadas quase dois séculos mais tarde, em 1743, na *Raccolta di prose fiorentine*”, cujo volume II, parte IV, divulgou 35 delas (DORÉ, 2002: 323). Não sabemos se na época causaram muita repercussão, mas no século XIX certamente foi-lhes atribuída importância e muitos comentários. Publicaram-se também obras do próprio Sassetti, uma sobre a *Poética* de Aristóteles, uma sobre um discurso em defesa de Dante e outra sobre o trabalho de Ariosto. Ele era, portanto, um comerciante incomum.

Tavernier e Bernier

Segundo Siep Stuurman, a literatura sânscrita e as notícias das riquezas indianas e das especiarias diferenciadas, além de motivarem o primeiro comerciante francês a viajar para a Índia seis vezes, Jean Baptiste Tavernier (1605-1689), impactaram – entende-se: promoveram uma ira contra os pagãos ou contra a ideia de uma literatura divulgada na época como superior aos escritos judaico-cristãos – e manifestaram a necessidade intelectual de uma hierarquia racial no pensamento de alguns europeus, assim como em François Bernier (1625-1688), da University of Montpellier; um típico viajante e médico francês que percorreu o subcontinente indiano na busca de ouro e mentes. Bernier é considerado o primeiro europeu moderno a chegar à *Terra sem Água* ou à Caxemira. Durante doze anos foi o médico pessoal do famoso perseguidor de hindus, o ditador mogol e fervoroso islâmico Aurangzeb (1618-1707) (STUURMAN, 2000: 1-21). A sua obra (de Bernier) *Nouvelle Division de La Terre par les Différentes Espèces ou Races qui L'habitent* [*Nova Divisão da Terra Através das Diferentes Espécies ou Raças que a Habitam*], publicada em 1684, é considerada a primeira classificação moderna das raças – 200 anos antes do filósofo francês Arthur de Gobineau (1816-1882), um dos mais importantes teóricos das raças no século XIX, no entanto, com motivações opostas à de Bernier;⁵ e de Louis Agassiz (1807-1873), zoólogo e geólogo suíço

⁵ Bernier, como típico jesuíta, desejava impor uma concepção hierárquica de raças, tendo o branco e cristão no topo, na tentativa de demonstrar uma evolução do homem na história; mas não de qualquer homem, senão de um homem longe dos pagãos, os quais eram considerados, como assim sempre pensou a teologia cristã, meras criaturas que não são filhas de deus por não serem batizadas pelo Espírito; ou seja, meros animais. Gobineau, ao contrário, pensou em hierarquia de raças com o intuito de demonstrar a decadência inevitável do ser humano, tendo como causa a mistura das raças

que defendia veemente e cientificamente a não mistura das raças, afirmando que tal mistura poderia incrementar a economia, mas promoveria uma decadência moral, intelectual e física ao homem (LURIE, 1988).

Bernier escreveu sobre as distintas raças humanas e elaborou uma classificação tipicamente (ou em estilo) antropológica – não obstante, tracejou uma peculiar explanação que envolvia o homem inserido em uma história evolucionista; bem ao estilo do seu sucessor e “sacralizador” da História, Hegel,⁶ diz Stuurman. De acordo com Mohamad Tavakoli-Targhi, Bernier chegou a traduzir algumas obras de Descartes para o persa e algumas *Upanishads* do persa para o francês, em 1671 (TAVAKOLI-TARGHI, 2001: 10); dando ânimo às buscas dos *Vedas* e de outras literaturas sânscritas por parte de inúmeros missionários (lê-se: sacerdotes piratas) franceses, também aculturadores e não menos eurocêntricos e proselitistas; notadamente, com a ajuda e a intensificação, a partir do início do século XVI, das rotas marítimas e do interesse em novos e exóticos mundos a serem convertidos (lê-se: invadidos, saqueados e alienados).

Em 1651, o teólogo Abraham Roger (ou Rogerius), o primeiro protestante missionário da *Dutch Reformed Church* a ir para a Índia (LACH, 1993: 478), residiu ao norte de Madras durante o período de 1631-1641 e escreveu no apêndice de seu *Open Door to the Hidden Heathendom [Estar Aberto ao Paganismo Misterioso]*, publicado em Leiden e com inúmeras informações⁷ sobre o brahmanismo da Índia meridional. Tais informes só foram possíveis devido à orientação (bem paga, vale salientar) de um provável *brahmana out-caste* (fora de casta), chamado *Padmanabha* (JACKSON, 2009: 237). Ele também elaborou uma tradução do famoso poeta e

hierarquicamente concebidas, conforme ocorre dentre quaisquer espécies animais. Um, Bernier, possuía a visão de mundo cristocêntrica, o outro, uma visão, querendo ou não, e para a época, científica, lógica e calcada em autoridades do saber acadêmico – o que atualmente se denomina “racismo científico”; como se hoje não tivéssemos o “proselitismo científico”, a “politicagem democratizante científica” ou o “orientalismo científico”. Qual a diferença entre nós e Bernier ou Gobineau? Contudo, o importante é sabermos que tais teorias foram produzidas a partir de interpretações distorcidas da cultura indiana.

⁶ Em 1664, Luís XIV da França, juntamente com seu ministro das finanças, Jean Colbert, criou a *French East India Company* para acelerar as relações da França com a Índia. E, juntamente com as observações de Colbert sobre a Índia, os relatos de François Bernier sobre o ritual *Sati*, por exemplo, influenciaram gerações europeias, passando por Hegel e chegando até os nossos dias. É, na verdade, o exotismo aculturador preferido dos eurocêntricos, orientalistas imperialistas e cristãos de plantão. Sobre os relatos orientalistas e etnocêntricos de Bernier em torno do ritual *Sati* (BERNIER, 1994).

⁷ Segundo Stephen Neill, na primeira parte, 21 capítulos descrevem o estilo de vida e os costumes dos hindus, começando com a divisão quaternária das castas, os ritos funerários e o rito de imolação da esposa diante do leito de fogo do esposo (como já frisamos, o principal rito presente em praticamente todos os escritos orientalistas à moda saidiana). Na segunda parte, continua Neill, os próximos 21 capítulos descrevem a filosofia indiana, começando com a ideia de divindade e culminando com a ideia da morte. Por meio dos relatos de Neill, podemos aferir que Roger é um típico pensador anacrônico e cristão eurocêntrico (NEILL, 2004: 379).

filósofo da linguagem indiano *Bhartrhari*.⁸ Stephen Neill afirma que Roger, de acordo com uma de suas cartas datada de 9 de janeiro de 1636, chegou a divulgar seu cristianismo protestante na Índia na língua portuguesa e em tâmil (NEILL, 2004: 379).

Nobili, os fatores que favoreceram a invasão jesuíta e sua farsa literária

Ainda no século XVII, há registro de dois nomes que se interessaram pela língua e cultura indianas: Roberto di Nobili (1577-1656), no princípio do século, e Heinrich Roth (1620-1668), na segunda metade. O primeiro, italiano e mentor de várias e influentes dissimulações e farsas (na Europa). Chegou à Índia no século XVII com o firme intento jesuítico de converter os indianos à fé cristã. Estabeleceu-se em Madurai, a segunda maior cidade do Estado de Tâmil Nadu, que ainda é um grande centro de estudos e peregrinação de várias linhas do hinduísmo popular, também conhecida como a “Cidade Templo” por abrigar inúmeros templos milenares com arquitetura peculiar (viva a sobrevivência!).

Nobili morreu na Índia em 1656 e dedicou grande parte de sua vida, com grande interesse orientalista por todos os aspectos da cultura indiana, adquirindo conhecimento do tâmil e do sânscrito. Fato que chamou a atenção de alguns possíveis *brahmanas*, provavelmente não ortodoxos ou pertencentes às linhas tâmeis *vaishnavas* (pensadores e adoradores do deus *Vishnu*),

⁸ Como poeta e filósofo da linguagem do século VI d.C., ele foi autor da obra *Shataktraya*, um livro de poesia filosófica composto em três seções (*Brahma-kanda* ou *Agama-samuccaya*, “agregação de tradições”, o *Vakya-kanda* e o *Pada-kanda* ou *Prakirnaka*, “miscelâneas”) de cem versos cada, os quais agregam teoria política, paixão erótica e renúncia ao mundo. Ele era adepto de uma ascese intensa, junto à qual valorizava a renúncia do corpo em provimento do espírito – isto fica evidente na terceira e final seção do capítulo intitulado *Vairagyashataka* [“versos de renúncia”], que foi caracterizado pela sanscritista norte-americana Barbara Stoler Miller (tradutora dos poemas de *Bhartrhari*), como um refúgio na floresta ou “the calm mood of the forest reflects ascetic peace” [“o estado calmo da floresta reflete a paz ascética”] (BHARTRHARI, 1967: XXIII). Além de poeta, *Bhartrhari* era um exímio e profícuo, como diríamos hoje, linguista. Não por acaso, Frits Staal (“The Science of Language”. In: Flood, 2003), professor holandês de Filosofia e Línguas Asiáticas da University of Berkeley, dirá que na modernidade europeia todos foram marcados pelas obras de *Bhartrhari*, e, como exemplo, Staal apresenta alguns eruditos linguistas, tal como o pai da Linguística vintecentista, o suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), bem como o linguista americano Leonard Bloomfield (1887-1949), o qual marcou significativamente a ideia da *gramática gerativa* ou *gerativismo* do filósofo e linguista também americano Noam Chomsky; há também o linguista e crítico literário russo Roman Jakobson (1896-1982). Ferdinand de Saussure, por exemplo, dirá ainda Stall, elaborou sua tese de doutorado sobre o caso genitivo em sânscrito pela University of Leipzig, e lecionou Sânscrito em Paris e na University of Geneva por quase três décadas. Muitos, como o próprio Staal, foram marcados profundamente pelas ideias de *Bhartrhari*, particularmente em torno do debate da teoria do *sphota* (literalmente, “explodindo” ou “abrindo”, ou mesmo uma indivisível unidade de medida da palavra ou som elementar, no caso, em sânscrito, aplicadas como partículas essências ou a própria essência de uma palavra). Influência marcada particularmente em Saussure sob sua descrição do signo: como compor o signo e o significado, sabendo que estas entidades não são separáveis, pois o traço inteiro do som da denotação constitui o signo.

os quais, juntamente com os shivaístas (pensadores e adoradores do deus *Shiva*), em alguma medida, foram os responsáveis pelo contato com os estrangeiros por serem reformadores (no sentido social) do hinduísmo, ou seja, no sentido de herdeiros das mudanças e dos contatos sociais promulgados pelo budismo ao estabelecerem contato com os *mlecchas*.⁹

Algo impensável pela ortodoxia brahmânica pré-budista (anterior ao século III a.C., época da união do budismo com a política através do rei *Ashoka* e, conseqüentemente, de sua expansão dentro e fora da Índia) ou por muitas outras linhas mesmo após a “expulsão” filosófica (séculos VIII e IX d.C.) e política (século XII) do budismo na Índia, e até mesmo nos dias atuais (BEINORIUS, 2005: 11).

Fato que nos leva a concluir que o budismo foi a primeira expressão religiosa a conceber, praticar e promover uma expansão fora de seu território de origem, no caso, a Índia, com o claro intuito de propagar os ensinamentos do seu fundador, o Buda histórico, e de convencer novas mentes dos ilusórios enalços dos desejos e da pura fantasmagoria do mundo; mas sem, vale salientar, os sacrifícios solenes ou domésticos védicos. Se tal prática tem uma influência direta no método devastador do cristianismo (tanto na América ibérica, quanto em toda e qualquer terra tocada pela cruz em sangue) após sua união com a política romana, não sabemos, mas supomos que sim.

Cabe a indagação: foi o empenho budista na conversão de estrangeiros ou sua submissão ao poder exposto pela política ou, ainda, a união dessas duas forças (proselitismo e política) o fator decisivo para tamanha empreitada sem precedentes na história das religiões? Preferimos a hipótese de uma religião submetida ao poder político, pois, durante os 300 anos iniciais do budismo, este nunca imaginaria nem conceberia a hipótese de tal prática, sabendo que o bom *karma* é decisivo para o contato ou desenvolvimento de uma consciência iluminada, já que, sem ele, qualquer tentativa de convencimento ou pedagogia em torno da ilusão do mundo, da dor e da necessidade de libertação das amarras dos desejos, seria em vão; algo que a política sempre distorce com perfeição.

Tanto era assim que, nos primeiros 300 anos, o budismo foi moldado pela iniciativa própria dos seus seguidores, sem o mínimo desejo de expansão e muito menos de ligação com a política, pois o Buda histórico era, em última instância, explicitamente apolítico por ser contra

⁹ Para maiores detalhes ver nosso *Max Weber e a Índia*.

qualquer tipo de violência; apesar de sua origem principesca. Isso confunde muitos teóricos, uma vez que o combate à violência universal é tipicamente budista, não hinduísta, já que essa última apregoava uma violência inerente à política (como também corroborou Weber) e que deveria ser aplicada de acordo com o *dharma* próprio dos guerreiros e reis: proteger, independente de se utilizar violência ou não, as demais camadas sociais.

O indólogo Audrius Beinorius, professor associado dos estudos indianos e budistas do *Centre of Oriental Studies*, da Vilnius University, nos elucida que o rei *Ashoka* padronizou e propagou os ensinamentos budistas além de suas fronteiras, enviando monges intelectuais com a mensagem do Buda em direção ao Ocidente (*Westwards*), para os reis gregos Antíoco II da Síria, Ptolomeu II do Egito, Antigonus Gonatus da Macedônia, Magas de Cirene e Alexandre de Epiro; além de encomendar a tradução de éditos budistas para o grego e aramaico. Beinorius também nos informa que os viajantes Willem van Ruysbroeck, Marco Polo, Francis Xavier, Matteo Ricci, Ippolito Desideri, John de Monte Corvino, bem como vários dominicanos, jesuítas, capuchinhos e missionários franciscanos, presentes no Japão, China e Tibete (pertencente ao território indiano na época), encontraram-se com missionários budistas e relataram tais encontros para leitores europeus (BEINORIUS, 2005:11).

Voltando a Nobili, observa-se que os seus interesses orientalistas pelas ideias da Índia, combinado com seu método proselitista cristão, o levou a maquirar estratégias ousadas de conversão. A exemplo disso, ficou famosíssimo por escrever um falso *Veda*, o *Ezour Vedam*, através do qual, e além de sua aparente aceitação prática das castas, costumes e sincretismo ritual, se propôs a introduzir dogmas cristãos através dos conceitos e das linguagens mentais indianas (BIRN, 2005: 237).

Assim sendo, tal prosélito jesuíta disfarçado é o responsável por uma das maiores e conhecidas fraudes na literatura: relatando para indianos e europeus que havia descoberto um suposto *Quinto Veda*, mesmo sabendo que historicamente existem apenas quatro. Todavia, não menos surpreendente é que, antes da fraude ser notificada, ele foi defendido pelo não menos dissimulado e proselitista Max Müller, dentre outros indólogos, como “o primeiro grande sanscritista europeu” (MÜLLER, 1864: 167); obviamente, não devido ao seu empenho e habilidade para com o sânscrito, mas pelo método cristão de invadir a Índia: via fraude.

Este fantasiado *Veda* foi redigido com a ajuda de um militar desertor bengali, o qual reproduziu e transformou alguns versos do clássico indiano, um dos verdadeiros quatro *Vedas*, o *Yajur Veda*, de tal forma que os versos, agora alterados, contaminados e desqualificados, passaram a bombardear arduamente a mal compreendida *arcana* (rito de adoração às deidades védicas), considerada pela fraude uma idolatria, e o aplicado e multifacetado panteão dos *Tantras* e dos *Puranas*, na tentativa de promover a adesão dos indianos à sua seita judaica que pretendia (e pretende) ser o xerife das almas no mundo via ameaça de churrasco humano; porém, com pouquíssimo êxito, e, neste tal pouquíssimo êxito, com absoluto e necessário sincretismo.

O *Veda de Jesus*, não obstante, o título dado à malograda farsa, foi elaborado em forma de colóquio, no caso, entre dois sábios indianos: um explicitamente politeísta e outro monoteísta. Entretanto, ao ter em seu espírito proselitista a conversão a qualquer custo, quem necessariamente doma o debate é o hipotético monoteísta (supondo que a Índia fosse desprovida de tal concepção de pensamento na época), o qual apresenta um hinduísmo deturpado com inúmeras e mescladas invenções jesuíticas. O indólogo holandês Willem Caland (1859-1952) assevera e confirma que se trata de uma fraude engenhosa, utilizando conceitos hinduístas com dogmas cristãos (FIGUEIRA, 2002: 14), em uma salada sincrética sem lógica e de mau gosto.

Nobili, assim sendo, chegou ao auge de sua loucura aculturativa, deliberando modificar visivelmente o cristianismo de suas imagens europeias (já substitutas das vertentes primordiais e orientais), camuflando-o à moda indiana e acomodando-o às tradições ali presentes e vistas como inimigas de sua fé predadora. Veste-se com roupas típicas e passa a agir aos moldes dos *brahmanas*, adotando o vegetarianismo (em sua época, já universalizado), raspando a cabeça e carregando consigo todos os símbolos corporais e ornamentais que caracterizavam alguns tipos de renunciantes, inclusive o sagrado *upavita* ou cordão simbólico de iniciado no ombro esquerdo. Mas tudo isso ornado dissimuladamente com uma cruz cristã suspensa no cordão (MILEWSKA, 2003: 64). Sua loucura ainda o levou a exhibir-se mascaradamente como um *arya* (nobre em nascimento, educação e comportamento), exigindo direitos e regalias dos políticos islâmicos. Não satisfeito com tamanho atrevimento com ar de esquizofrenia, Nobili manifesta a civilizada e bem típica ideia europeia e cristã, ainda adotada pelos missionários cristãos pelo mundo, de comprar adesões com ouro; pagas pela luxuosa e petulante Companhia de Jesus, obviamente. Mas vale observar que tais vendas de almas eram aceitas por islâmicos ou indianos pobres e não educados na

cultura brahmânica, fator bem comum na época devido às invasões quase ininterruptas de árabes e europeus.

Este *Ezour Vedam*, o falso e orientalista *Veda* francês (longe de qualquer elaboração tipicamente védica e longíssimo de qualquer imaginário de seus valores), como foi grafado na França e feito para os fins jesuíticos, chegou às mãos do grande Voltaire (1694-1778) através do primeiro retorno de Comte de Maudave (1725-1777) da Índia, em 1760. Anquetil-Duperron observa que Maudave obteve tal escrito das mãos de seu bisavô ou de uma cópia de Louis Barthélémy (ROCHER, 1984: 82). Desconhecendo a fraude jesuítica, Voltaire o saudou com entusiasmo devido ao seu estilo e novidade oriental; sem saber que não era obra autêntica da literatura sânscrita e muito menos um falso *Veda*.

Moriz Winternitz assevera que tal obra fraudulenta apareceu na França em 1778 e na Alemanha em 1779. Winternitz diz que Voltaire pensava ser um comentário antigo dos *Vedas*, citando-o muitas vezes como tal. Por fim, Winternitz apresenta o botânico francês Pierre Sonnerat (1748-1814)¹⁰ como o interventor e descobridor da fraude criada pelos jesuítas, em 1782 (WINTERNITZ, 1985: 11).

Em suma, a fraude alastrou-se até o início do século XIX e só foi revelada quando Sonnerat, na condição de botânico experiente, percebeu que o papel em que este falso *Shastra* (escritura) havia sido escrito tinha, na verdade, sido elaborado na Europa.

A descoberta posterior dessa adulteração levou o filósofo escocês e docente de matemática da University of Edinburgh, Dugald Stewart (1753-1828), a sustentar que se tratava de uma elucubração artificiosa, já que “tanto a literatura quanto a língua sânscritas não passavam de uma adulteração, feita por aptos *brahmanas*, segundo o exemplar grego, após a conquista [invasão] de Alexandre” (MACDONELL, 2004: 2). Hoje, podemos encarar tamanho exagero – senão absurdo – e possível inversão dos papéis, como um elogio *a priori*, sabendo que Stewart era perito em matemática e lógica gregas, o que indica uma observação de aproximações ou semelhanças

¹⁰ Sonnerat certa vez aferiu: “a Índia Antiga deu ao mundo as suas religiões e filosofias: o Egito e a Grécia devem à Índia sua sabedoria, e sabe-se que Pitágoras foi para a Índia para estudar com os *brahmanas*, que eram os mais esclarecidos dos seres humanos (apud GAUTIER, 2000: 25). Sonnerat ainda exortou: “Encontramos entre os indianos os vestígios da mais remota antiguidade [...]. Sabemos que todos os povos foram até lá para tirar os elementos de seu conhecimento [...]. A Índia, em seu esplendor, de religiões e leis para todos os outros povos; Egito e Grécia [por exemplo,] estão em dívida para com ela, tanto pelas suas fábulas como pela sabedoria” (apud DANINO, 1996: 18).

profundas entre as duas culturas; e sabendo que a construção de tais ramos do saber foi primeiramente manifestada na Índia.

Os alemães

Heinrich Roth (1620-1668), provavelmente o primeiro sâncritista alemão, também jesuíta e proselitista hábil; viveu e morreu na Índia. Além disso, como de costume entre os jesuítas após Xavier, se aprofundou no estudo do sâncrito e da cultura indiana. Em trabalho publicado em 1667, na revista *China Illustrata* (LACH, 1993: 486-487), traduzido para o alemão no ano seguinte, tratou do sistema fonológico sâncrito e do alfabeto *Devanagari* (“a escrita da cidade dos Devas”, ou Deuses, via de expressão do sâncrito) (MÜLLER, 1964: 277). Ele escreveu a primeira gramática sâncrita europeia, nunca publicada, cujo manuscrito foi localizado em 1800 pelo jesuíta e filólogo espanhol Lorenzo Hervás y Panduro (1735-1809). Este jesuíta (Roth) recolheu todos os dados que pôde a respeito de toda classe de línguas e compilou grande número de gramáticas e dicionários, tentando organizar uma classificação das línguas. Seus principais escritos cristocêntricos em relação à cultura indiana foram o *Itinerarium St. Thomae Apost. ex Judaea in Indiam* e o *Dogmata varia fabulossissima Brachmanorum*, além da gramática *Grammatica linguae Sanscretanae Brachmanum Indiae Orientalis* (preservada na *Biblioteca Nazionale Centrale* em Roma) que, segundo Iwona Milewska, eram baseadas nos manuscritos sâncritos *Pancatattva-prakrta* de *Venidatta* e *Vedanta-sara* de *Sadananda Yogindra* (MILEWSKA, 2003: 65).

Outro jesuíta alemão, Johannes Ernest Hanxleden (1681-1732), viveu na Índia de 1699 até sua morte em 1732 (MILEWSKA, 2003: 67). Hanxleden viajou com dois outros jesuítas, Wilhelm Weber e Meyer Wilhelm, além do médico Franz Kaspar Schillinger, o qual deixou um relato da árdua viagem. Eles partiram para a Índia em 30 de outubro de 1699, passando pela Itália, Turquia, Síria, Armênia e Pérsia, até chegar em Surat (atual Gujarat), em 13 de dezembro de 1700. Hanxleden foi formalmente aceito pelos jesuítas presentes na Índia, já Weber e Meyer morreram antes de chegar a Surat. Hanxleden se deslocou para Goa, onde havia uma concentração de jesuítas. Escreveu uma gramática sâncrita em latim e o primeiro dicionário malaiala ou malabar, o *Dictionarium Malabaricum Samscredamicum Lusitanum*, com léxicos em sâncrito e português; mas nenhum desses trabalhos foi publicado. Hanxleden morreu de mordida de cobra e foi enterrado

na antiga e suposta igreja fundada pelo lendário Tomé. Johann Philipp Wesdin, conhecido como Paulino Paathiri (1748-1806), trouxe algumas das obras de Hanxleden, tal como a sua gramática de sânscrito, para a Europa (PALLATH, 1994).

Benjamin Schulze, pietista alemão, chamou do mesmo modo a atenção da Europa para o sânscrito ao compará-lo com o latim (tendo o latim, como de origem sânscrita) em sua *Grammatica Hindoostanica* (1745); repetindo observações análogas aos jesuítas, no entanto, conseguindo produzir um discurso mais profundo que os textos de Sasseti e Tomba.

Os franceses

No mesmo período de Schulze e décadas após Hanxleden, o jesuíta francês Jean François Pons (1688-1752), que traduziu algumas obras sânscritas para o latim, em carta datada de 23 de novembro de 1740, deu notícias sobre a antiga literatura indiana. Essa carta foi publicada em 1746 nas *Lettres Edifiantes et Curieuses écrites des Missions Etrangères, par quelques Missionnaires de la Compagnie de Jésus, XXVI* (VISSIERE, 2000: 16-17). Halbfass observa que, também em 1740, Pons, quando vivia no Sul da Índia, buscou nomear uma nova religião até então desconhecida por ele – devido ao budismo já ser escasso na Índia desde mais de 700 anos antes de Pons –, mas de imediato tratada como heresia, a qual ele logo nomeou como *bauddhamatham* (“o ponto de vista de Buda”) (HALBFASS, 1990: 44).

Outro jesuíta francês, Gaston-Laurent Coeurdoux (1691-1779), realizou metódicas pesquisas, examinando cuidadosamente as afinidades entre o sânscrito, o latim e o grego, sugerindo, a partir das observações do indiano *Vyakarana*, a origem comum das três línguas (TRAUTMANN, 2004: 45). Suas ideias foram transmitidas através do seu *Moeurs et Coutumes des Indiens* (1777) e em cartas escritas de Pondichéry, entre 1768 e 1775, à Académie des Inscriptions, de Paris; mas estas últimas só foram publicadas quarenta anos mais tarde (MURR, 1987: 250).

Mais um jesuíta que teve seus escritos divulgados muito depois de produzidos foi o italiano Marco della Tomba (1726–1803). Ele viveu na Índia setentrional de 1757 a 1773 e deu notícias sobre a literatura indiana, particularmente a védica, ao mesmo tempo em que traduziu parte do *Ramayana*. Seus trabalhos foram publicados em *Gli Scritti del Padre Marco della Tomba* (1878), por Angelo de Gubernatis (GUBERNATIS, 1878).

Dentre vários manuscritos que Tomba escreveu, diz o indólogo David Lorenzen (El Colégio de México), muitos se encontram atualmente na biblioteca do Vaticano. Os mais importantes são os três ensaios: *Introduzione al Viaggio per l'India (1755-1774)*, *Piccola Descrizione dell'India Orientale e Osservazioni Sopra le Relazione che fà Monsieur Holwell, Inglese*; além de um texto maior intitulado *Libro in cui si Descrivono Diversi Sistemi della Religione dei Gentili dell'Indostano e Regni circonvicini*. Outros textos se referem às suas traduções de várias obras literárias indianas. Entre estas traduções encontramos uma parte do famoso livro do poeta *Tulsidas (1532-1623)*, intitulado *Sri Ramacaritamanasa* (ZUPANOV, 1999.), o qual, segundo Lorenzen, representa a primeira tradução do épico indiano, oitenta anos antes de qualquer outra tradução em um idioma europeu (LORENZEN, 2007: 48).

Conclusão

Na Índia, portanto, devido à distância a que se encontrava das metrópoles e à inferioridade numérica da população portuguesa aí residente, em Goa, principalmente, a violência física inquisitorial não teve o mesmo impacto que na Europa medieval. Eram sociedades muito diferentes; daí que o desvio das mentes ao desencanto cristão implicasse diferentes formas de aculturação. No caso da Índia, não só estavam na presença de uma sociedade com grande tradição milenar, como de uma região com significativa diversidade cultural, sistema social óctuplo e filosofias sistemáticas. No entanto, independentemente dos métodos aculturativos das missões invasoras, em todos os espaços, visava-se a destruição das culturas locais, a implantação do cristianismo como única verdade e o estabelecimento da presença portuguesa como dominador invasor.

A saída dos jesuítas em direção ao Oriente ocorria num período particularmente violento que assombrava quase toda a Europa. Pois, amar uma religião diferente da do outro implicava em ódio, perseguição e, por vezes não raras, a morte trágica. Mas, na grande maioria do espaço indiano, as populações estavam sob suserania das autoridades islâmicas locais, cerceando o papel dos infieis jesuítas. A perseguição e a intolerância tiveram particular destaque em Goa por diversas vezes, onde se publicaram leis que expulsavam todos os indianos que não aceitassem o cristianismo como única verdade.

A ação invasora e aculturativa dos jesuítas realizara seu objetivo primeiro de impactar-se com os indianos através da violência e fogueira, devido ao seu espírito massacrador de culturas e dinamismo intolerante, já que se convenceram de sua incapacidade intelectual e método ineficaz diante de homens sábios.

Todavia, poucas foram as armadas que saíram do Tejo¹¹ que não levassem fundamentalistas jesuítas a bordo. Até 1700 partiram para a Ásia e para a África mais de 2000 jesuítas (O’NILL, 2001: 3197). A província invadida da Índia foi criada em 10 de Outubro de 1549, com centralização em Goa. Em 1601, também se constituiu uma vice-província e, em 1605, passou-se à província do Malabar (Querala). As missões dogmáticas na Índia, a partir de meados do séc. XVI, caracterizaram-se pela intolerância para com o não católico residente no espaço português, pela “renovação” dogmática dos poucos que já eram católicos e pela submissão ao rito latino dos cristãos de rito oriental, como era o caso da minoria dos cristãos de São Tomé e da *comunidade parava* (pescadores de pérolas, da Costa da Pescaria). Este novo olhar face à missão dogmática, implicou na criação de novas estratégias, como foi, por exemplo, a publicação da legislação que regulamentava o funcionamento da Igreja nesses espaços, tornando-a pertinente para dar a conhecer à Europa o andamento da atividade invasora através de seus relatos orientalistas.

As cartas ânuas¹² do jesuitismo, por exemplo, são uma descrição minuciosa de tudo o que era feito. Elas faziam parte da literatura que se publicava sobre os novos espaços orientais.¹³ Hoje, ao se cotejar o *Archivum Romanum Societatis Iesu*, verifica-se que o seu conteúdo (cartas manuscritas) se afasta em muito das cartas que foram publicadas (impressas) na Europa.¹⁴ Pretendendo as primeiras relatar ao Geral da Companhia o que de mais importante se passava durante a invasão, certamente, teriam de ser mencionados aspectos menos edificantes para a sua Ordem – rivalidade dogmática, acusações contra dogmáticos da própria ordem e conversões de vários jesuítas às religiões presentes na Índia da época, principalmente ao islã e algumas linhas do hinduísmo; daí a precaução de selecionar conteúdos, com o objetivo de criar determinadas imagens que pudessem influenciar a cristandade europeia e engrandecer sua Ordem – visão apologética.

¹¹ Da foz do rio Tejo partiram as naus e as caravelas das invasões portuguesas, sendo ele o mais extenso rio da Península Ibérica, nascendo na Espanha e banhando a Lisboa.

¹² Carta que relatava os êxitos verificados durante um ano.

¹³ Do que muito se publicou sobre a imagem da Índia, indicamos a leitura de Bouchon (1997).

¹⁴ Ver comparação com Guerreiro (1602).

A par da indicação das conversões recentes e de como ia a cristandade no seu todo, encontramos referências à ligação entre a Ordem e o poder político português aí estabelecido e o poder político local, assim como as descrições feitas sobre os costumes e as tradições indianas.¹⁵ Ainda que as observações tenham por comparação os valores da cultura europeia, são importantes para o conhecimento do imaginário cristão na Índia. Embora neste tempo a ideia de uma Índia cristã já tivesse sido desfeita – devido ao desprezo tanto dos islâmicos quanto dos hinduístas às ideias, segundo eles, atrasadas dos jesuítas –, havia, no entanto, imagens sobre a sociedade que continuavam desconhecidas ou deturpadas devido ao desconhecimento que surgira desde antes das invasões e devido ao olhar do ocidental que continuava a comparar sua visão de mundo com o observado no Oriente.

A ideia de uma Índia cristã foi de tal maneira tão forte na Europa que levou Vasco da Gama, na sua primeira viagem, a pensar que estes povos eram cristãos, chegando inclusive a rezar diante de deidades védicas e relacionar os ritos brahmânicos com ritos católicos (SUBRAHMANYAM, 1998: 206-208; BOUCHON, 1998: 143); ainda que lhe parecesse uma forma de cristianismo diferente. No tocante a esta situação, os jesuítas conheciam as comunidades cristãs, quer as mais antigas, como era o caso dos cristãos de São Tomé, quer as pequenas comunidades de pescadores recém convertidas ao desencanto cristão.

Neste sentido, não só foram confirmadas as leis já passadas a favor da cristandade, como também outras legislações foram emanadas pelos monarcas, que se sucederam no que diz respeito ao território que estava sob a administração portuguesa. Um bom exemplo são as fontes publicadas em *O Livro do “Pai dos Cristãos”* (WICKI, 1969). Nele espelham-se bem as relações entre a Companhia de Jesus e o poder régio. A instituição do “Pai dos Cristãos” era portuguesa e destinava-se às missões do Oriente, particularmente na Índia (FERNANDES, 1965.), e o seu aparecimento deu-se no reinado de D. João III, possivelmente em 1537 – altura em que as missões ganhavam um novo fôlego.

De acordo com Rajesh Kochhar, do Indian Institute of Astrophysics, o primeiro jesuíta a viajar para a Índia (a pedido de João III de Portugal) foi o discípulo direto de Inácio de Loyola, Francis Xavier (1506-1552), em 6 de maio de 1542; enquanto Anthony Monserrate, jesuíta catalão,

¹⁵ Pensamos que neste campo ainda há muito para explicar, isto é, a análise dos tratados que os jesuítas enviaram para Roma, pode fornecer informações interessantes não só mostrando a forma pela qual estes viram e entenderam as sociedades locais, como também a maneira como eles foram influenciados pela cultura e o pensar indiano.

foi o primeiro jesuíta geógrafo europeu a ir para a Índia em 1574 (KOCHHAR, 1994: 175). Xavier, o iconoclasta extremista e amigo fiel da inquisição, o qual a solicitou em 1545 (RAO, 1963: 43), com duração de 1560 a 1812, deixou Lisboa em 7 de abril de 1541, juntamente com dois outros jesuítas e o novo vice-rei Martim Afonso, a bordo do *Santiago*. De agosto daquele ano até março de 1542, ele permaneceu na África e em seguida chegou à Goa, capital das invasões portuguesas na Índia. Entretanto, a ideia (oriunda da cristandade) de se ter os ancestrais pagãos em um dito inferno eterno, um deus que não era absoluto por não conter todos os aspectos do Todo, como o mal e a dor, e ainda ser cruel por não dar novas chances (reencarnações) aos seus filhos, adorar um carpinteiro que se deixou crucificar, ser submisso a uma instituição religiosa que mais parece um governo sedento de poder, ter a mulher como imagem de um Diabo, o sexo como pecado e não divino e seguir ritos que mais pareciam cópias de culturas orientais antigas, dentre outras teologias que sugeriam ditames primitivos para o pensar milenar oriental, não surtiram o efeito de um holocausto mental desejado. O que culminou em um inevitável fracasso no tocante às suas tentativas inglórias de fincar a cruz no cérebro de homens pensantes do Leste, em especial nos reis e intelectuais – prática comum no Ocidente, mas mortífera no Oriente –, tanto na Índia como no Japão e na China.

Como afirmou inteligentemente o historiador indiano Sita Ram Goel, os jesuítas eram verdadeiros “piratas com roupas de sacerdotes”, a Igreja uma “ferramenta do imperialismo”, a sua interpretação do evangelho uma “manifestação nazista” da história e seu Jesus um “artífice para a agressão” contra os indianos (GOEL, 1994; 1995).¹⁶ Semelhantemente, dirá R. N. Sakshena: “[...] em nome de uma religião da paz e do amor, as cruéis práticas dos tribunais [inquisitoriais na Índia] chegaram ao ponto em que cada palavra deles era uma sentença de morte” (SAKSHENA, 2003: 24). Esqueceu Sakshena, que paz e amor na teologia cristã não se destinam a um pagão, à natureza e aos animais, pois, o pagão está desprovido do dito espírito santo e os demais de alma. De acordo com William Hunter, só em Goa foram 71 conluios cristãos ou assim chamados “autos de fé”, mais de 4000 prisões e 121 vítimas queimadas vivas (HUNTER, 1886). Eis o legado dos piratas.

Referência Bibliográfica

¹⁶ Sobre a inquisição na Índia, ver o excelente trabalho de Priolkar (1991).

- BEINORIUS, Audrius. "Buddhism in the Early European Imagination: a Historical Perspective". In: **Acta Orientalia Vilnensia**, 6.2, 2005, pp. 7-22.
- BERNIER, Francois. **Travels in the Mogul Empire, AD 1656-1668**. Delhi: Low Price Publications, 1994.
- BHARTRHARI. **Poems**. Tradução de Barbara Stoler Miller. New York: Columbia University Press, 1967.
- BIRN, Raymond. **Crisis, Absolutism, Revolution: Europe and the world, 1648-1789**. Toronto: University of Toronto Press, 2005.
- BOUCHON, Geneviève. "A Imagem da Índia na Europa Renascentista". In: **Oceanos**, n. 32, Outubro/Dezembro, Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp. 12-30.
- _____. **Vasco da Gama**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- DANINO, Michel. **The Invasion that Never was: song of humanity**. Delhi: Mother's Institute of Research & Mira Aditi, 1996.
- DORÉ, Andréa. "**Cristãos na Índia no Século XVI: a presença portuguesa e os viajantes italianos**". Revista Brasileira de História, vol. 22 no. 44, São Paulo, 2002.
- FERNANDES, Lagrange. "**O Pai dos Cristãos**" nas Missões Portuguesas da Índia Oriental (1541-1840). Texto policopiado, Universidade Gregoriana de Roma, 1965.
- FIGUEIRA, Dorothy Matilda. **Aryans, Jews, Brahmins: theorizing authority through myths of identity**. New York: SUNY Press, 2002.
- FLOOD, Gavin (ed.). **The Blackwell Companion to Hinduism**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- GAUTIER, François. **Arise Again, O'India**. Har-Anand Publications, 2000.
- GOEL, Sita Ram. **Jesus Christ: An Artifice for Aggression**. New Delhi: Voice of India, 1994.
- _____. **History of Hindu-Christian Encounters**. New Delhi: Voice of India, 1996. Outros dois magníficos trabalhos de Goel são o **Catholic Ashrams: Sannyasins or Swindlers?**. New Delhi: Voice of India 1995.
- GUBERNATIS, Angelo de (Ed.). **Gli Scritti del Padre Marco della Tomba: missionario nelle Indie orientali**. Florence: Le Monnie, 1878.
- GUERREIRO, Fernão. **Relaçam Annual das Cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus na Índia e no Iapão nos anos de 600 e 601**. Évora: Manuel de Lyra, 1602.
- HALBFASS, Wilhelm. **India and Europe. An Essay in Philosophical Understanding**. Delhi: Motilal Banarsidass, 1990.
- HERODOTUS. **The Histories**. Translated by Robin Waterfield; with an introduction and notes by Carolyn Dewald. New York: Oxford University Press, 1998.
- HUNTER, William W. **The Imperial Gazetteer of India**. London: Trubner & Co., 1886.
- JACKSON, A. V. Williams. **History of India**, vol. IX: Historic Accounts of India by Foreign Travellers, Classic, Oriental, and Occidental. New York: Cosimo, Inc., 2009.
- KOCHHAR Rajesh K. "Secondary Tools Of Empire: Jesuit Men of Science in India". In: SOUZA, Teotonio R. de (ed.). **Discoveries, Missionary Expansion and Asian Cultures**, Delhi: Concept Publishing Company, 1994.
- LACH, Donald & KLEY, Edwin Van. **Asia in the Making of Europe**, vol. III: A Century of Advance, book 1. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LORENZEN, David. "Marco Della Tomba y la Misión de Tibet". In: **Kervan** – Rivista Internazionale di studii afroasiatici, n. 6 – luglio 2007.

- LURIE, Edward. **Louis Agassiz. A Life in Science**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1988.
- MACDONELL, Arthur. **India's Past: a survey of her literatures, religions, languages and antiquities**. New Delhi: Asian Educational Services, 1994.
- _____. **A History of Sanskrit Literature**. London: Kessinger Publishing, 2004.
- MILEWSKA, Iwona. "First European Missionaries on Sanskrit Grammar". In: FRYKENBERG, Robert Eric (ed.). **Christians and Missionaries in India: cross-cultural communication since 1500**. Michigan: W. B. Eerdmans Publishing, 2003.
- MÜLLER, Max. **Lectures on the Science of Language: delivered at the Royal Institution of Great Britain in February, March, April, & May, 1863**. London: Longman/Green, 1864.
- MUNN, Mark Henderson. **The Mother of the Gods, Athens, and the Tyranny of Asia: a study of sovereignty in ancient religion**. Berkeley: University of California Press, 2006.
- MURR, Sylvie. **L'indologie du Pere Coeurdoux**. Vol. 2, Paris: Ecole Francaise d'Extreme Orient, 1987.
- NEILL, Stephen. **A History of Christianity in India: The Beginnings to AD 1707**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- O'NILL, Charles E. (org.). **Diccionario Histórico de la Compañía de Jesus**, vol. IV, Roma: Instituto Historicum/Madrid: Universidade Pontifícia Comillas, 2001.
- PALLATH, J.J. (ed.). **Arnos Padiri: the First Malayalam Poet Scholar Orientalist**. Calicut: Arnos Padiri publications, 1994.
- PRIOLEKAR, A.K.. **The Goa Inquisition**. Bombay: Voice of India, 1991.
- RAO, R.P. **Portuguese Rule in Goa: 1510--1961**. New York: Asia Publishing House, 1963.
- ROCHER, Ludo. **Ezourvedam: a French Veda of the eighteenth century**. Vol. I, University of Pennsylvania studies on South Asia. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.
- SAKSHENA, R.N. **Goa: Into the Mainstream**. Delhi: Abhinav Publications, 2003.
- STUURMAN, Siep. "François Bernier and the Invention of Racial Classification". In: History Workshop Journal, **Oxford University Press, 2000**.
- SUBRAHMANYAM, S. **A Carreira e a Lenda de Vasco da Gama**. Lisboa: CNCDP, 1998.
- TAVAKOLI-TARGHI, Mohamad. **Refashioning Iran: Orientalism, Occidentalism and Historiography**. Hampshire and New York: Palgrave Macmillan, 2001.
- TRAUTMANN, Thomas R. "Discovering Aryan and Dravidian in British India". In: **Historiographia Linguistica**, XXXI:I, 2004.
- VISSIÈRE, Isabelle. **Lettres Édifiantes et Curieuses des Jésuites de L'inde au Dix-Huitième Siècle**. Saint Etienne: Université de Saint-Etienne, 2000.
- WICKI, José (ed.). **O Livro do "Pai dos Cristãos"**. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969.
- WINTERNITZ, M. **A History of Indian Literature**. Delhi: Motilal Banarsidass, 1985.
- ZUPANOV, Ines G. **Disputed Mission: Jesuit Experiments and Brahmanical Knowledge in Seventeenth-Century India**. New Delhi: Oxford University Press, 1999.